

**DE ONDE “AS NOZES” VÊM: O ENCONTRO COM O BRASIL NAS CARTAS
DE ELIZABETH BISHOP**

Magali Sperling Beck

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: A escritora norte-americana Elizabeth Bishop morou no Brasil entre os anos de 1952 e 1970. Apesar de já estar acostumada à movência, ao chegar no Brasil, Bishop se depara com um espaço inesperado e desconhecido, o qual passa a explorar em seus escritos. Uma das formas que Bishop encontra para experimentar com sua escrita no e sobre o Brasil é a correspondência que escreve para amigos, os quais estão principalmente na América do Norte. Assim, neste trabalho, sugiro que as cartas de Bishop em seus primeiros anos no país oferecem um espaço privilegiado para se analisar de que forma esta autora negocia sua experiência no Brasil ao mesmo tempo em que deixa transparecer questões relevantes sobre o seu fazer poético.

PALAVRAS-CHAVE: Elizabeth Bishop; Brasil; correspondência; representação.

ABSTRACT: The North-American writer Elizabeth Bishop lived in Brazil between 1952 and 1970. Although she was already used to movement and displacement, when Bishop arrives in Brazil she is faced with an unexpected and unknown space, which she starts exploring in her writings. One of the ways she finds to experiment with her writing in and about Brazil is through her letters to friends, who are mainly in North-America. With that in mind, in this paper I suggest that Bishop's letters from her first years in Brazil offer a privileged space for the discussion of how she would negotiate her

experience in the country while also reflecting about important issues that guided her poetical practice.

KEYWORDS: Elizabeth Bishop; Brazil; correspondence; representation.

A obra da escritora norte-americana Elizabeth Bishop é bastante conhecida e comentada no Brasil, principalmente devido a sua experiência vivendo em terras brasileiras durante grande parte de sua vida¹. Entre os anos de 1952 e 1970, Bishop não só morou em lugares como Petrópolis, no Rio de Janeiro, e em Ouro Preto, Minas Gerais, como também viajou por muitas regiões do Brasil, retratando tais experiências em suas cartas, em seus poemas e em suas histórias. Assim, é possível afirmar que o Brasil foi, para Bishop, um espaço de descoberta, principalmente pelo fato de ter apresentado à escritora um encontro com o inesperado, com o desconhecido. Mesmo acostumada à movência, Bishop deparou-se com um “Novo Mundo” ao chegar no Brasil, o que a levou a “re-descobrir” seu papel enquanto escritora de um “outro” não facilmente traduzível e a explorar ainda mais profundamente questionamentos que sempre acompanharam sua imaginação poética, tais como a relação entre o deslocamento (geográfico ou imaginário) e a representação. Neste contexto, torna-se relevante observar que um dos espaços de experimentação para sua escrita sobre o país foi construído através das cartas que escrevia, da América do Sul, para amigos e colegas

¹ Ver, por exemplo, o trabalho seminal de pesquisadoras como Regina M. Przybycien (cuja pesquisa foi recentemente publicada como livro intitulado *Feijão preto e diamantes: o Brasil na obra de Elizabeth Bishop*, Editora da UFMG, 2015) e Maria Lúcia Milléo Martins (cuja obra inclui o livro *Duas artes: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*, Editora da UFMG, 2006), como também compilações importantes para os estudos sobre Bishop no Brasil, tais como o livro *The art of Elizabeth Bishop*, organizado por Sandra R. G. Almeida, Gláucia R. Gonçalves e Eliana L. de L. Reis (Editora da UFMG, 2002).

na América do Norte. Levando em consideração que as cartas escritas por Bishop no Brasil a ajudam a elaborar e explorar seu imaginário sobre o país como também sobre seu papel enquanto “escritora” neste e deste novo local, sugiro que tais cartas oferecem um espaço privilegiado para se analisar de que forma Bishop negocia sua experiência no Brasil ao mesmo tempo em que deixa transparecer questões relevantes sobre o seu fazer poético².

Como muitos críticos já notaram, Bishop deixou, em seus escritos, rotas indicando possíveis mapeamentos tanto de sua poética como também de sua vida, fazendo com que sua poesia nos provoque a re-descobrir e re-pensar paisagens antes vistas como familiares. O poema “O Mapa”, mesmo sendo um dos primeiros textos publicados pela autora, já poderia ser visto como um exemplo³. Neste poema, através da reconstrução do momento de leitura de um mapa, Bishop nos leva a repensar sobre nosso processo de interpretação de imagens convencionalmente aceitas como representações diretas da “realidade”. Como nos diz a primeira estrofe do poema⁴:

Terra entre águas, sombreada de verde.

Sombras, talvez rasos, lhe traçam o contorno,

uma linha de recifes, algas como adorno,

riscando o azul singelo com seu verde.

Ou a terra avança sobre o mar e o levanta

² O presente artigo é uma versão estendida e revisada do trabalho apresentado por mim no XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC).

³ “O Mapa” foi publicado pela primeira vez na coletânea *Trial balances*, organizada por Ann Winslow (Nova Iorque: Macmillan, 1935, p. 78-79) e abre a primeira coletânea de Bishop, intitulada *North and south* e publicada em 1946.

⁴ Cito aqui a tradução feita do poema “O Mapa” por Paulo Henriques Britto em *Poemas escolhidos*. Ver seção Referências para citação completa.

e abarca, sem bulir suas águas lentas?

Ao longo das praias pardacentas

será que a terra puxa o mar e o levanta? (2012, p.73)

Parece curioso ou até mesmo paradoxal sugerir uma reflexão sobre um dos primeiros poemas de Bishop, principalmente tendo em vista as publicações recentes que foram feitas de sua obra. Como apontam Cleghorn, Hicok e Trivisano, organizadores do livro *Elizabeth Bishop in the 21st century*, “nossa imagem de [Bishop] como escritora e como pessoa está passando por uma grande mudança nos últimos anos devido à publicação de três novas edições de seu trabalho” (2012, p. 1, minha tradução). Entre as obras mencionadas pelos críticos estão *Edgar Allan Poe and the juke-box*, publicada em 2006 e editada por Alice Quinn, e *Elizabeth Bishop: poems, prose, and letters*, editada por Robert Giroux e Lloyd Schwartz, e publicada em 2008 – tais livros reúnem poemas, rascunhos, ensaios, cartas e outros fragmentos não publicados durante a vida de Bishop. Além destes, os críticos também citam *Words in their* (obra que inclui a correspondência completa entre Elizabeth Bishop e Robert Lowell), publicada em 2008. No entanto, mesmo neste espaço para novos mapeamentos da cartografia de Bishop, torna-se significativo voltarmos nosso olhar sobre questões que percorriam sua obra desde o início de sua carreira – questões estas que dialogam com o material recentemente compilado, como também com suas reflexões sobre seu papel enquanto escritora de cartas, e, mais especificamente para este trabalho, como “correspondente” do Brasil.

Retomando brevemente o poema, percebe-se, por exemplo, que na “leitura” deste mapa apresenta-se uma reflexão sobre a conexão intrínseca entre observador e

observado. No poema, a ideia de um mapa como referente (ou referência) é desafiada já que a descrição apresentada dos elementos geográficos presentes no texto (tais como a terra, o mar, as penínsulas e baías) revelam mais sobre a tentativa do eu-lírico de reconstruir o movimento ou a vida imbuída nestes elementos do que uma tentativa de moldá-los em um retrato referencial mas ao mesmo tempo estático e sem vida. Assim, no poema, as baías podem ser afagadas, “como se fossem florir / ou para servir de aquário a peixes invisíveis” e “[a]s penínsulas pegam a água entre polegar e indicador / como mulheres apalpando pano antes de comprar” (2012, p. 73). Vemos então que até mesmo uma construção cartográfica convencional pode deixar transparecer a particularidade, ou talvez a materialidade, da experiência sendo representada, demonstrando assim a sutil ligação entre sujeito e objeto de representação - observador e observado. Como nos diz os últimos versos do poema: “mais sutis que as do historiador são do cartógrafo as cores” (2012, p. 73).

Além de sinalizar um possível interesse de Bishop em refletir sobre questões de representação, o poema “O Mapa” também revela a fascinação da autora pela geografia. Em toda sua obra, Bishop apresenta uma grande variedade de locais e culturas diferentes, as quais criam uma (nova) rota cartográfica para nossa leitura das imagens que ela coletou e pintou durante seus muitos deslocamentos geográficos. Nota-se uma dialética constante entre o que James Clifford chamou de “rotas e raízes” – ou o diálogo entre os caminhos percorridos e seus pontos de partida (1997, p. 3); e como sugere Jonathan Ellis, a obra de Bishop demonstra mais um interesse no “movimento entre os lugares” do que no envolvimento do eu em uma única localização (2001, p. 467). Dessa forma, a representação de distâncias percorridas, para Bishop, enfatizaria a possibilidade de relações entre diferentes espaços geográficos, mas não seguindo necessariamente o que poderia ser chamada de uma lógica binária de comparação, e sim

uma forma criativa (mesmo que provisória) de estabelecer um diálogo entre localidades e culturas.

Como o poema “O Mapa” sugere, limites e fronteiras criam a impressão de ordenação da experiência, mas ao mesmo tempo demonstram a fragilidade dos “moldes” usados em nossas representações. A sugestão de que neste mapa “Os nomes dos portos se espraiam pelo mar, / os nomes das cidades sobem as serras vizinhas” (2012, p. 73) parece nos dizer que nossas tentativas de “contenção” de significados são também provisórias. E segundo Sara Meyer, “o mapa como metáfora sugere a forma como construímos sentido e identidade através de processos de posicionamento” (2001, p. 238, minha tradução). No entanto, este posicionamento, para Meyer, parte das relações envolvidas em organizações espaciais, e de como o sujeito percebe tais relações. É justamente no que Meyer chama de “lógica cartográfica” (a qual prevê a procura de novos significados em processos de posicionamento) e no que Jonathan Ellis percebe como “movimento entre os lugares” que insiro minha leitura de parte das cartas escritas por Bishop nos primeiros anos no Brasil, já que estas nos possibilitam perceber o diálogo estabelecido entre a experiência sendo vivida por Bishop no país e a “narrativa” destas experiências em seus escritos. Além disso, o próprio ato de se “corresponder” nos possibilita trabalhar com o cruzamento de fronteiras, extrapolando os limites do “contido” e recriando, assim, narrativas sobre os encontros do “eu” com outros culturais⁵.

⁵ As cartas a que me refiro neste trabalho foram compiladas no livro *Oneart: letters*. Mesmo reconhecendo a significativa importância da correspondência de Elizabeth Bishop com Robert Lowell, a qual foi publicada em 2008 sob o título *Words in the air*, neste trabalho, atendo-me à compilação feita em *Oneart*, levando em consideração o fato de que as “experimentações” de Bishop com as imagens que cria do Brasil estavam certamente ligadas ao correspondente que a escritora tinha em mente.

É importante ressaltar que a “escritura de cartas” para Bishop ocupava um papel fundamental no seu imaginário e na sua prática literária. Como nos lembram os críticos Siobhan Phillips e Jonathan Ellis, para Bishop tal escritura representava um gênero em si mesmo. Ela não somente dedicava horas de trabalho escrevendo cartas como também lia vorazmente a correspondência publicada de vários poetas e escritores (PHILLIPS, 2012, p. 344). Para Phillips, a dedicação de Bishop a sua correspondência pessoal poderia ser vista não só como uma fonte de material biográfico da escritora, mas ainda como uma discussão sobre a ética da escritura de cartas. Para este crítico, a prática de Bishop de se corresponder com amigos, colegas, editores, entre outros, e as reflexões que ela deixou (não somente em cartas, como também na forma de poemas –publicados ou não) sobre o ato de se corresponder, demonstram o potencial dialético desta troca de cartas. Ao invés de marcar a separação de dois pontos de comunicação, o escrever cartas recriaria ligações entre o eu e o outro, o que, para Phillips representaria as inter-relações de subjetividade presentes no texto da carta (2012, p. 344-347).

Apesar da discussão de Phillips ser extremamente interessante, o que me chama a atenção aqui é justamente este reencontro entre o eu e o outro que deixa transparecer questões já presentes na poesia de Bishop desde a publicação de “O Mapa”. Em sua obra, vemos uma necessidade de se pensar as extrapolações de limites como também a “vida” ou o “movimento” por trás daquilo que está aparentemente contido - como é o caso do próprio espaço da carta. No ato de se corresponder (e pensando-se aqui especificamente na correspondência de Bishop no Brasil), o espaço “localizado” da carta (com seu endereço de Petrópolis ou do apartamento do Leme, no RJ, ou de algum outro espaço culturalmente marcado) é ao mesmo tempo posto em movimento, se deslocando por fronteiras até chegar a seu possível destino final. É neste espaço, ao mesmo tempo doméstico e em trânsito, que Bishop delineia suas primeiras impressões e

reflexões sobre o Brasil: a carta, para Bishop, torna-se, em um primeiro momento, um local privilegiado para refletir sobre sua experiência enquanto viajante (estrangeira) e também enquanto nova habitante de um Brasil sendo re-descoberto por ela⁶.

Como sugere Brett Millier, apesar da própria Bishop algumas vezes sugerir que estava tendo dificuldade para voltar a escrever depois de sua chegada ao Brasil, ela na verdade estava trabalhando e produzindo através de suas cartas (1993, p. 259). Ela inclusive procurou elaborar poeticamente sobre o ato de se corresponder e “mandar notícias” do Brasil. Este é o caso, por exemplo, de um dos poemas reunidos na antologia *Edgar Allan Poe and the juke-box* e intitulado “Letter for twofriends” ou “Carta para dois amigos” (minha tradução). Tal poema reflete, entre outras questões, a ansiedade da autora em não conseguir finalizar poemas, como vemos nos seguintes versos: “em um momento durante a noite / o poema que tentava escrever / transformou-se em preposições: / nos e sobres e aos / ...” (2006, p. 113, minha tradução), e ainda nos versos, “Marianne, empreste-me um substantivo! / Cal, telegrafe um verbo, por favor!” (2006, p. 113, minha tradução). A sugestão da escritora de que lhe faltaria linguagem poética para terminar o poema constituiria certamente uma discussão intrigante sobre sua produção literária, já que os versos transformados “em preposições” podem nos remeter à ideia de uma linguagem extremamente descritiva e talvez não tão enxuta; além disso, o apelo feito a seus amigos e poetas, Marianne (Moore) e Cal (Robert Lowell), também sugere a troca entre a experiência vivida no Brasil e o imaginário

⁶ Para outras considerações sobre o posicionamento de Bishop enquanto, ao mesmo tempo, “estrangeira” e “local” (ou *Foreign / Domestic*, como ela mesma sugeriu em possível título de um dos poemas compilados em *Edgar Allan Poe and the juke-box*), ver a discussão apresentada por Barbara Page e Carmen Oliveira em “Foreign-Domestic: Elizabeth Bishop at home / not at home in Brazil”, publicada no livro *Elizabeth Bishop in the 21st century: reading the new editions* (2012).

poético informado por seus pares (novamente o trânsito entre o continente norte e o sul-americano).

No entanto, gostaria de focar aqui nos últimos versos desta “carta-poema”, onde o eu-lírico parece elaborar justamente a ambiguidade de seu posicionamento em um novo espaço cultural:

sem talento para línguas
e menos ainda para gestos
mas meu dólar sobe & sobe –
troca ansiedade
com um visto quase perdendo a validade,
e um carro com um único pneu bom -- Brasil, “de onde as nozes
vêm” (2006,p. 114, minha tradução).

O trocadilho do último verso se perde em português, já que a palavra nuts em inglês pode ser traduzida para nozes (como faço aqui), mas também pode ser usada coloquialmente com o sentido de “loucos” ou “doidos” (leríamos então algo como “Brazil, de onde as nozes ou os loucos vêm”). Tal trocadilho usado por Bishop entre aspas é provavelmente uma citação da fala de uma das personagens da peça *Charley’s Aunt*, escrita por Brandon Thomas, a qual se tornou extremamente popular tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, obtendo também diferentes versões fílmicas. A descrição do Brasil como sendo o lugar das “nozes” ou dos “loucos” é retomada por Bishop, demonstrando o tipo de negociação feita entre sua experiência vivida no país e a imagem do Brasil em um contexto norte-americano. Além disto, este trocadilho reflete justamente um sentimento de aparente ambiguidade e confusão, presente não somente

neste poema em processo de elaboração como também nas cartas que Bishop enviava do Brasil nos primeiros anos no país. Tal ambiguidade já foi apontada por críticos como Sandra R. G. Almeida, por exemplo. Para Almeida, a posição que Bishop ocupa no Brasil, vista a partir do que Mary Louise Pratt chamou de “zona de contato”, apresenta uma ambiguidade inevitável (2009, p. 105). Isso se dá, segundo Almeida, pelo fato de que Bishop, ao mesmo tempo em que expressa seu amor e interesse pelo Brasil, também deixa claro seu papel enquanto visitante, já que decodifica estereótipos de um país “exótico” (2009, p. 111)⁷.

No entanto, ao invés de abordar tal ambiguidade como a reinserção de um posicionamento privilegiado da viajante norte-americana no espaço cultural brasileiro, vejo as reflexões de Bishop sobre suas primeiras tentativas de pensar o Brasil como extensões da sua preocupação com o processo de escrever e representar, uma preocupação que a acompanhava desde a publicação de poemas como “O Mapa”, por exemplo. Conforme observado, em tal poema, Bishop deixa transparecer um interesse nos atos de “observar” e “mapear”, como também no ato de “ler” aquilo que escapa ao controle do observador (ou map-maker). Como o poema “Carta para dois amigos” parece “deixar escapar”, há um desconforto no posicionamento do eu em relação ao espaço narrado: a voz lírica sugere sua própria falibilidade (fragilidade) no entendimento do outro, já que se vê como não tendo dom nem para línguas nem para gestos, e o posicionamento da palavra troca (exchange) ao lado de ansiedade (anxiety) marca não somente a troca econômica do dólar (em vantagem em relação à moeda

⁷ É importante mencionar que neste mesmo artigo, Almeida apresenta uma discussão sobre a obra de Bishop em relação à obra de P.K. Page, escritora canadense que escreve sobre sua experiência vivendo no Brasil durante a década de 50. Tal relação de ambiguidade, segundo Almeida, está presente na obra das duas escritoras.

brasileira) mas também sugere a sensação de mudança, de possível transformação (ou quem sabe “contaminação”), do observador pelo local viajado (observado).

Esta transformação, algumas vezes denominada por Bishop de “confusão de sentidos”, é elaborada em suas cartas, à medida que a escritora procura retratar suas sensações e experiências do que vê e vive no Brasil. Como podemos perceber desde a famosa carta de Bishop à Marianne Moore, de fevereiro de 1952, a descrição da natureza a sua volta torna-se emblemática de muito do que ainda viria a escrever. Nesta carta, ela descreve o cenário de Petrópolis como sendo

um tipo de combinação-onírica de vida animal e vegetal. Eu realmente não consigo acreditar nisso tudo. Além das montanhas altamente impraticáveis a nossa volta e das nuvens que vagam para dentro e para fora do quarto de alguém, tem também cachoeiras, orquídeas, todas as flores que conheço de Key West, como ainda maçãs e peras [encontradas em] lugares ainda mais ao norte” (1994, p. 236)⁸.

Estes primeiros escritos do Brasil demonstram a percepção de Bishop em relação ao inesperado deste cenário, o qual parece existir somente em sonho já que é “impraticável” e “excessivo”, mas que, ao mesmo tempo, invade o imaginário (e quem sabe a privacidade) da observadora (como as nuvens que entram e saem dos quartos, por exemplo).

Segundo Victoria Harrison, “enquanto recém-chegada, Bishop se via intrigada com qualquer coisa que pudesse surpreendê-la” (1993, p. 146, minha tradução), e é esta curiosidade que deixa transparecer em seus escritos, principalmente para amigos como Marianne Moore, os quais dividiam com ela o interesse nas observações e nos detalhes

⁸ Todas as citações das cartas de Bishop são retiradas da obra *Oneart: letters* de 1994 e foram traduzidas por mim. Ver a seção Referências para citação completa.

da vida ao seu redor. Assim, o Brasil começa a ser reconstruído por Bishop enquanto paraíso natural que impressiona com a riqueza de sua flora e fauna, descritos pela autora de uma forma muito particular. Em suas cartas, o vale nos arredores da casa em Petrópolis “se enche de nevoeiro como se fosse um pote de leite” (1994, p. 239) e um “pequeno [pássaro] preto [...], com sua parceira, pula para cima e para baixo de um galho [...] como se fosse uma pequena bola de borracha” (1994, p. 243), e até mesmo a fruta da jabuticaba parece “mágica” já que “aparece nos galhos, diretamente na madeira” (1994, p. 246). A diferença da natureza ao seu redor não é somente observada de um ponto distante, mas diretamente afeta a observadora, e como Bishop escreve: “[...] meu sangue Anglo-Saxão está gradualmente renunciando a seu ciclo sazonal e estou bastante contente por viver em completa confusão em relação às estações, frutas, línguas, geografia, tudo” (1994, p. 243). Vemos assim que a própria posição da escritora enquanto observadora é remarcada / re-mapeada pela experiência material de sua vivência no Brasil.

Este olhar que “re-descobre” a vida natural ao seu redor será poeticamente e criticamente trabalhado por Bishop mais tarde em poemas como “Brasil, 1º de Janeiro de 1502” ou “Questões de Viagem”, nos quais a voz poética resgata o discurso histórico da viagem e desafia o olhar colonial e neo-colonial sobre terras estrangeiras. Mas tais questões também são abordadas em suas cartas, principalmente ao dar-se conta de seu interesse em ler narrativas de viagens produzidas por outros viajantes estrangeiros em terras brasileiras. Em cartas de fevereiro e de abril de 1953, Bishop menciona os diários de Darwin no Beagle e quão admirada ficou com sua obra, descrita por ela como “maravilhosa” (1994, p. 257). Em carta de dezembro de 1953, Bishop menciona o livro *A Naturalist in Brazil*, descrito como “um relato da flora e fauna feito à moda antiga e muito bom” (1994, p. 279), e em outra carta deste mesmo período Bishop lista as

leituras que havia feito, as quais incluíam “todos os memoirs sobre viagens no Brasil que o Conselho Britânico tem” (1994, p. 283). Com tais afirmações e referências, talvez possamos dizer que Bishop buscava posicionar o seu olhar sobre o Brasil em diálogo com outros olhares estrangeiros, ou em movimento, resgatando assim um arquivo de narrativas de viagem, o qual seria relido por ela a fim de re-mapear seu posicionamento em terras brasileiras. Vale também lembrar que o interesse de Bishop nas obras de Darwin a levaram a fazer reflexões ainda mais profundas sobre o que estaria envolvido no encontro entre observador e observado, como pode-se perceber, por exemplo, em uma de suas famosas cartas, a qual seria futuramente referida pelos críticos como “the Darwin letter”. Tal carta, enviada à Anne Stevenson quando esta escrevia um dos primeiros estudos críticos sobre Bishop nos anos 60, é citada por Stevenson em seu livro de 1966; nela Bishop tece considerações sobre seu fazer poético, trazendo à tona sua leitura de Darwin e notando a relação entre as “observações intermináveis e heroicas” do naturalista e a “estranheza de sua empreitada” (qtd. in STEVENSON, 1966, p. 66, minha tradução)⁹.

Além disso, ao mesmo tempo em que Bishop retoma o discurso deste “eu-viajante”, ela também deixa transparecer em suas cartas sua localização, um tanto quanto “doméstica”, na casa que passa a habitar com Lota, reconstruindo assim a vida privada, e o espaço marcado da casa de Samambaia, em Petrópolis. Em muitas destas primeiras cartas, Bishop descreve detalhadamente o trabalho de construção e finalização da casa projetada / idealizada por Lota, a qual passa a ser tanto seu refúgio, quanto o

⁹ O trecho completo sobre Darwin nesta carta citada por Stevenson lê: “*But reading Darwin one admires the beautiful solid case being built up out of his endless, heroic observations, almost unconscious or automatic—and then comes a sudden relaxation, a forgetful phrase, and one feels that strangeness of his undertaking, sees the lonely young man, his eyes into the unknown. What one seems to want in art, in experiencing it, is the same thing that is necessary for its creation, a self-forgetful, perfectly useless concentration*” (qtd. in STEVENSON, 1966, p. 66).

espaço de onde partiriam suas re-descobertas do Brasil. Bishop descreve sua rotina nesta casa, seus afazeres (que envolvem, por exemplo, a preparação das refeições), como também suas relações com as pessoas que trabalhavam e visitavam a casa. Além disso, em cartas de dezembro de 1952, Bishop fala sobre sua alegria em ver seu estúdio quase pronto e sobre a sensação de conforto em saber que teria um espaço “seu” de onde trabalhar e, é claro, “observar” a vida ao seu redor. Tais descrições demonstram de que forma Bishop passou gradualmente a habitar este novo espaço e nos ajudam a perceber a relação de proximidade /intimidade com que re-descobre o Brasil a sua volta.

Ao ler a obra de Bishop, Almeida retoma a característica de “entre-lugar” (in-betweenness) relativa à posição de Bishop no Brasil, a qual seria inerente ao que James Clifford descreve como o ato de “habitar a viagem” (dwelling in travelling) (ALMEIDA, 2009, p. 107). A viagem, para Clifford, é entendida como um espaço de deslocamentos geográficos e encontros culturais marcados por seus legados históricos. Segundo o autor, o discurso da viagem está inevitavelmente associado a questões de gênero, raça, classe, entre outras (CLIFFORD, 1997, p. 30). Assim, narrativas que elaboram sobre o cruzamento de fronteiras e sobre a prática de habitar o deslocamento poderiam ser lidas não somente como um espaço de celebração de identidades desestabilizadas, mas também como um espaço para questionamentos sobre representações e traduções de encontros culturais. É neste contexto que vejo as cartas de Bishop sobre seus primeiros anos no Brasil. Tais cartas se apresentam como um local de re-mapeamentos deste “habitar a viagem”.

Mesmo ocupando o “entre-lugar”, ao enviar as “notícias” do Brasil para a América do Norte, Bishop reelabora seu posicionamento enquanto escritora e observadora deste país, o que pode ser visto em poemas como “Carta para dois amigos”, por exemplo. Sua correspondência reinscreve o Brasil dentro de um imaginário já

“conhecido”, já que este é mais uma vez descrito como o país das “nozes” e da “natureza”. No entanto, ao se deixar transformar por este outro cultural representado pelo Brasil, e ao ocupar um espaço demarcado na residência em Petrópolis, Bishop também re-mapeia sua voz e seu posicionamento enquanto correspondente, já que a materialidade da sua experiência no país desestabiliza tal imagem “familiar”: o Brasil passa a ser narrado também enquanto espaço doméstico, habitado e tangível. Assim, o retrato que pinta do Brasil não é “estático” ou “imóvel”. Da mesma forma que, em poemas como “O Mapa”, Bishop nos mostra que a cartografia pode revelar subitamente a vida por trás da representação, suas cartas revelam que, mais do que catalogar o Brasil, Bishop narrava a si mesma e refletia sobre seu fazer poético, desafiando seus próprios limites enquanto “escritora do eu-viajante”.

Referências

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. “**The politics and poetics of travel: the Brazil of Elizabeth Bishop and P.K. Page**”. In: *Ilha do Desterro*. n. 57, p.105-116, 2009.
- BISHOP, Elizabeth. **Poemas escolhidos**. Paulo Henriques Britto (Trad. Ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **Edgar Allan Poe & the juke-box: uncollected poems, drafts, and fragments**. Alice Quinn (Ed.). Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2006.
- _____. **One art: letters**. Robert Giroux (Ed.). Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1994.
- CLEGHORN, Angus; HICOK, Bethany; TRAVISANDO, Thomas. **Elizabeth Bishop in the 21st century: reading the new editions**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.
- CLIFFORD, James. **Routes: travel and translation in the late twentieth-century**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- ELLIS, Jonathan. “**Elizabeth Bishop: North & South**.” In: ROBERTS, Neil (Ed.). *A companion to twentieth-century poetry*. Oxford; Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 2001. 457-468.
- HARRISON, Victoria. **Elizabeth Bishop’s poetics of intimacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MEYER, Sara. “**‘Another Attempt at Mastering Infinity:’ Elizabeth Bishop’s Art of Map-making**.” In: BARRY, Sandra; DAVIES, Gwendolyn; SANGER, Peter (Eds.). *Divisions of the heart: Elizabeth Bishop and the art of memory and place*. Wolfville, N.S.: Gaspereau Press, 2001. 237-247.

MILLIER, Brett C. **Elizabeth Bishop: life and the memory of it**. Berkeley: University of California Press, 1993.

PHILLIPS, Siobhan. "Elizabeth Bishop and the ethics of correspondence." In: *Modernism/modernity*. v.2,n.19,p.324-363, 2012.http://academia.edu/1879489/Elizabeth_Bishop_and_the_Ethics_of_Correspondence

STEVENSON, Anne. **Elizabeth Bishop**. New York: Twayne Publishers Inc., 1966.